



# comportamento

PESQUISA ACADÊMICA INVESTIGA O MUNDO DE MULHERES QUE REGISTRARAM EM FOTOGRAFIA O PRÓPRIO SOFRIMENTO COM O CÂNCER

## Mais do que mil palavras

“**C**omo a doença pode se tornar uma obra de arte?”. Essa foi a pergunta que instigou a pesquisadora Mônica Torres, doutora em comunicação e cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ, a mergulhar na história de fotógrafas que expuseram em autorretratos seus corpos mutilados pelo câncer e também pelo tratamento. Em sua tese *Fotografia e câncer: como a doença torna-se obra de arte*, a pesquisadora discorre sobre o ativismo dessas mulheres e aprofunda um olhar nas questões femininas relacionadas à saúde e na chamada fototerapia.

“Me chamou muito a atenção o fato de haver um grande número de fotografias de mulheres mastectomizadas sendo expostas em museus e galerias mundo afora. Por que essas mulheres estariam querendo expor seus corpos em meio ao sofrimento de um tratamento de câncer?”, questionou Mônica Torres, que trabalha há 10 anos no INCA, atualmente na Coordenação de Pesquisa.

O estudo partiu dos autorretratos da britânica Jo Spence, os primeiros do campo da arte dos quais se tem registro de documentação do próprio corpo durante o tratamento do câncer de mama. Diagnosticada em 1982, Spence passou a fazer o que era considerado impensável: produziu uma série

de autorretratos que vão da fototerapia à militância política. Nas imagens, ela buscou chamar a atenção para a medicalização dos corpos e para a invisibilidade e o silêncio que a sociedade exercia sobre os corpos dos doentes e, particularmente, os das mulheres com câncer.

Spence aparece fazendo uma mamografia, imagem que não se compartilhava na época. Em seu trabalho, Mônica frisa que nunca foi fácil exibir as marcas do tumor no corpo e destaca o pioneirismo da artista. Segundo a pesquisadora, a artista já tinha seu trabalho relativamente conhecido quando resolveu expor seus autorretratos, com o seio afetado pela doença: “Houve um silêncio absoluto na noite em que ela expôs essas fotografias. Só depois começaram a obter reconhecimento e a serem debatidas”.

A britânica já era uma ativista. Nos anos 1970, seu trabalho era voltado para a fotografia documental, com uma abordagem politizada, com temas feministas. Após o diagnóstico, a fotógrafa declarou: “Eu pensei em como ser útil, como transformar minha doença em algo útil”. A artista usou a fotografia como atividade terapêutica e uma maneira de documentar o que considerava as falhas da medicina tradicional ocidental. Spence advogou pelo direito de a mulher participar mais ativamente de seu tratamento, obtendo informações mais claras das equipes médicas e um cuidado mais humanizado. Nesse processo, afirmou: “Não estou dizendo que por ter outro conhecimento você pode se livrar da doença. Estou dizendo que armado com novos conhecimentos você é capaz de fazer escolhas para agir”.

“Por mais que tenhamos avançado nos últimos tempos, o câncer ainda é um tabu. E, frequentemente, ainda é metáfora de morte e sofrimento”



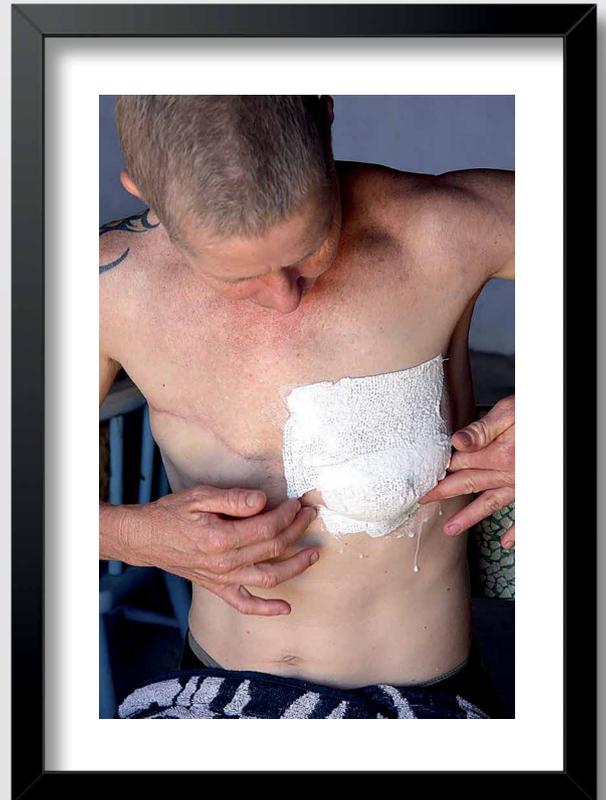
1)



2)

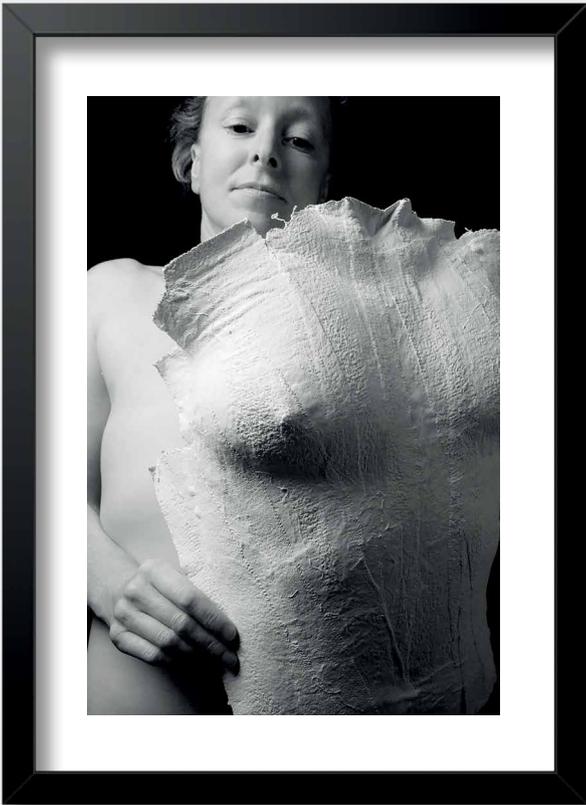


3)



4)

- 1) Em sua série de autorretratos, a americana Kerry Mansfield começa a aparecer careca após a terceira sessão de quimioterapia.
- 2) A paraense Nailana Thiely posou grávida, em 2005, junto à mãe, que havia acabado de passar por uma mastectomia.
- 3) Em 2017, a fotógrafa Mônica Imbuzeiro publicou uma série de autorretratos nos quais incluiu elementos que faziam parte do seu tratamento.
- 4) As transformações físicas pelas quais a sul-africana Tracey Derrick passou após um ano de tratamento deram origem à série *Uma em nove: meu ano como uma estatística*.



5)



6)



7)



8)

- 5) A poeta inglesa Clare Best mostra, na série *Autorretratos sem Seios* (2011), registros da simulação da transformação antes e depois da cirurgia a que se submeteu.
- 6) Em *Intra-Vênus*, a americana Hannah Wilke mostra a transformação física ocasionada pelo tratamento do linfoma.
- 7) Reprodução de Jo Spence sobre como foi informada sobre sua cirurgia e subitamente marcada.
- 8) Em seus autorretratos, a americana Barbara Hammer aborda as contradições no tratamento do câncer.

“A obra de Spence tem relevância histórica, pois ela foi uma das primeiras a expor esses temas por meio da sua arte. O contexto era o de ascensão dos movimentos sociais e feministas, e seu trabalho é praticamente contemporâneo à crise da Aids, que ligou a arte ao ativismo pelas causas de saúde, inédita até então”, ressalta Mônica.

A pesquisadora diz que mergulhou nesse estudo para entender o objetivo dessas mulheres ao se autorretratarem durante o tratamento do câncer: “Por mais que tenhamos avançado nos últimos tempos, o câncer ainda é um tabu. E, frequentemente, ainda é metáfora de morte e sofrimento”, argumenta. “Uma de nossas premissas é que a doença, ainda que adquira existência num corpo individual, é construída e compartilhada socialmente. Além disso, é preciso considerar que as doenças são carregadas de metáforas, como já enunciava Susan Sontag, em 1978, em *A doença como metáfora*”. Mônica acrescenta que o estudo parte ainda do reconhecimento de que o corpo adquire um lugar cada vez mais central na atualidade, particularmente nas práticas midiáticas e artísticas. E ressalta que a missão do artista é justamente questionar, intervir, criar dúvidas e polêmicas.

Outra pioneira investigada no estudo é a americana Hannah Wilke, que morreu aos 52 anos, em 1993. A artista ficou conhecida com o trabalho *Intra-Vênus*, que mostra a transformação física ocasionada pelo tratamento do linfoma. Ao retratar seu

corpo totalmente doente, ela chamou mais atenção para o uso de fotos na terapia. Wilke, que também já atuava em movimentos feministas, chocou a todos ao mostrar a vagina inflamada e ressecada pelo tratamento de quimioterapia e um corpo frágil, imagens que não se costuma ver e aceitar facilmente. A atitude incentivou o aprofundamento das discussões sobre os efeitos colaterais do tratamento oncológico no corpo feminino. Wilke também questionava as pressões de padrões de beleza impostos à mulher: “As mulheres devem assumir o controle de suas vidas, se orgulhar de seus corpos e criar uma sensualidade em seus próprios termos, sem se referir aos conceitos deturpados pela cultura”, advogava.

Mônica ressalta que as artistas usam suas experiências individuais para falar de questões coletivas. Ou seja, são autorretratos colocados em cena para falar do estigma da doença, dos bastidores do tratamento, da condição da mulher doente, do social, do político.

A pesquisa defende que o trabalho dessas mulheres é uma forma de refletir sobre como nos relacionamos com a doença e com os outros. E de entender o sentimento delas diante do diagnóstico e do tratamento: “Olhar para esse tipo de obra de arte pode ajudar também médicos e profissionais de saúde, permitindo que eles tenham maior repertório cultural, emocional e sensorial para lidar com os pacientes. Essas contribuições têm sido consideradas significativas para o campo das humanidades médicas em todo o mundo”, observa Mônica.

“Olhar para esse tipo de obra de arte pode ajudar também médicos e profissionais de saúde, permitindo que eles tenham maior repertório cultural, emocional e sensorial para lidar com os pacientes. Essas contribuições têm sido consideradas significativas para o campo das humanidades médicas”

**MÔNICA TORRES**, doutora em comunicação e cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ

## RADICAL

Nesse sentido, a poeta inglesa Clare Best, em colaboração com a fotógrafa Laura Stevens, realizou a exposição *Autorretratos sem Seios* (2011). A série de narrativas foto-poéticas explora a mastectomia preventiva e as decisões referentes à gestão do risco e à biogenética, já que a mãe de Best faleceu de câncer de mama quando ela tinha 16 anos. Após avaliações e pesquisa genética, por aconselhamento médico, a poeta optou pela mastectomia radical, com o objetivo de prevenir um câncer de grande probabilidade. Best, que atualmente tem 65 anos, explica essa decisão e a origem de suas fotografias no seguinte relato: “Em 2006, decidi remover os seios para reduzir meu risco de desenvolver câncer de mama de 50% a 90% para menos de 10%. E foi aí que tudo começou”. Sua cirurgia ocorreu na mesma idade em que a mãe teve o câncer, aos 40 anos.



**Mônica Torres: mergulho nos registros das pioneiras dos autorretratos durante o curso da doença**

A série é composta por registros da simulação da transformação de seu corpo, com autorretratos e poemas, antes e depois da cirurgia. O caso de Best é semelhante ao da atriz Angelina Jolie, que, ao descobrir um fator genético que a deixava propensa a desenvolver câncer de mama, decidiu pela retirada dos seios. A poeta optou por não colocar próteses. Best relata ter sido alvo de olhares diferentes, mas ressalta que, na maior parte do tempo, se sentiu acolhida pelas pessoas, inclusive por sua equipe médica, com a qual compartilhou informações e todo o processo decisório.

A pesquisa chama a atenção para como alguns temas são recorrentes nas fotografias e depoimentos das artistas, como as transformações em suas identidades a partir do diagnóstico e do tratamento: “Esses eventos afetam diretamente o que elas conhecem de si mesmas e de seu feminino. E interferem fundamentalmente nas relações que estabelecem com o outro, com o mundo”, argumenta Mônica. Um exemplo disso é a perda dos seios e dos cabelos. Então, para essas artistas autografar-se é uma maneira potente de lidar com a sua condição: “Ao registrar as mudanças ocorridas em seus corpos, elas discutem a autoaceitação”, acrescenta.

Foi o caso da fotógrafa brasileira Mônica Imbuzeiro, que publicou uma série de autorretratos onde aparece sem cabelos, em 2017. Sobre as fotos, Imbuzeiro colocou vários elementos que faziam parte de seu tratamento. “Eu achava que precisava assumir essa imagem e, a partir disso, é como se eu assumisse essa parte da minha vida em que eu tive uma experiência única, um aspecto único, uma aparência única. Tentei trabalhar essa relação com meus sentimentos e emoções usando objetos e materiais que escolhi”, descreve Imbuzeiro, que atuou no fotojornalismo e faleceu um ano depois, aos 47 anos.

A sul-africana Tracey Derrick também inseriu objetos cotidianos da vivência do câncer em seus autorretratos. Ela realizou a série *Uma em nove: meu ano como uma estatística* quando foi diagnosticada com câncer de mama invasivo em estágio II, em março de 2008. Após um ano de tratamento, que incluiu mastectomia e quimioterapia, Derrick perdeu os cabelos, o seio direito e outros aspectos que integravam sua identidade feminina, transformações que deram origem à sua série.

Antes mesmo da doença, Derrick já atuava como fotógrafa documental e fazia, principalmente, retratos de comunidades e etnias africanas. Ou seja, sua obra anterior já apontava as lentes para situações de invisibilidade e, eventualmente, traumáticas no contexto africano. Assim como as outras séries estudadas, *Uma em nove* integra o que a pesquisadora apontou como uma “virada para o real traumático” e para o “autobiográfico” no contexto da arte contemporânea, sendo “trauma” um termo usado pela própria artista quando se refere ao câncer.

Derrick reafirmou, em 2009, que esse trabalho ajudou-a a lidar com as mudanças em seu corpo e sua identidade e a conectar-se com o outro: “Como fotógrafa documental, posicione-me e interajo com meus temas. De repente, por causa da minha doença, tornei-me membro de um grupo marginal. Analisar minha própria história por meio de imagens me ajudou a me conectar com outras pessoas que, assim como eu me senti em algum momento da doença, sentiam-se fora da experiência de todos os outros”. Diferentemente da pioneira Spence, dos anos 1980, Derrick reconhece que foi muito bem acolhida por sua equipe médica, que apoiou até mesmo suas estratégias fotográficas.

Cineasta e ativista feminista, a americana Barbara Hammer, que morreu em 2019, aos 79 anos, foi diagnosticada com câncer de ovário em 2006. Ao longo da vida, a pioneira do cinema lésbico elaborou um manifesto abrangente com perspectivas feministas. Nos seus últimos anos de vida, vinha atuando na defesa ao direito de morrer com dignidade.

Em seus autorretratos, Hammer usou imagens de radiografias, mamografias e ressonâncias magnéticas. “Seus trabalhos abordam a empatia. O uso de papel espelhado faz com que o público veja seu próprio reflexo na obra da artista”, explica Mônica. Hammer ilumina a fragilidade do corpo humano, que depende das práticas médicas para tratar sua doença e, ao mesmo tempo, deve resistir e tomar decisões por seu próprio corpo e sua saúde.

Em seu ativismo, Hammer advogou pelos cuidados paliativos, pelo investimento em pesquisas e



contestou os termos “luta”, “vítima”, “batalha”, “guerra”, o que chamou de “retórica militar” ultrapassada ligada ao câncer: “Não há guerra ao câncer. Existem células aberrantes e não inimigos mortos”, manifestou-se a artista. Hammer aborda ainda as contradições no tratamento do câncer e mostra como coisas tão tóxicas são usadas como remédios.

Outra referência nacional que faz parte da pesquisa é a paraense Nailana Thiely que, em 2005, produziu uma série de autorretratos grávida, junto à mãe, que tinha acabado de passar pelo tratamento de um câncer de mama: *Autorretrato Grávida e Mãe Pós-mastectomia*. Ambas performam para a câmera com seus corpos nus. O trabalho foi selecionado para ser apresentado no Salão de Arte Pará de 2005 e recebeu o Prêmio Aquisição da Fundação Rômulo Maiorana, passando a fazer parte de seu acervo.

“A ideia foi trazer a discussão sobre esse corpo de maneira menos opressora, sem romantizar, mas também sem uma linguagem que opte por qualquer uso que não respeite uma perspectiva da dignidade desse momento. Foi algo construído com muito afeto e consentido com minha mãe. E essa é uma prática que busco levar para outras produções, o mesmo respeito”, descreveu Thiely.

A série de autorretratos *Consequências* surgiu quando a americana Kerry Mansfield recebeu, aos 31 anos, o diagnóstico do câncer de mama e soube que teria que passar por tratamento cirúrgico e quimioterápico, em 2005. Segundo a artista, uma das motivações de seus registros começou quando procurou imagens de mulheres com câncer e tudo que encontrava eram “imagens gloriosas em preto e branco ou de mulheres carecas sorrindo, parecendo magníficas” e, então, pensou: “E eu? Como era? Onde está a parte ruim? Onde está o sofrimento, a dor e a agonia que estou sentindo? Eu queria tirar todas as fotos no mesmo lugar, para criar a sensação de que o tempo passava sem distração”, explica. Então, ela posou sempre em seu chuveiro.

As fotos foram feitas em intervalos de aproximadamente duas semanas, após cada rodada de quimioterapia. Mansfield começou a autorretratar-se dois dias antes da cirurgia, parecendo vibrante e olhando para a câmera de frente com uma expressão “Estou pronta para qualquer coisa”, e continuou durante semanas de quimioterapia radical que a deixou tão fraca que não conseguia sequer ir para o banheiro sozinha.

Após a terceira rodada de quimioterapia, Mansfield aparece careca. Ela se captura em uma

“As fotografias permitem ampliar o conceito social do câncer, quebrar tabus e abrir novas possibilidades de lidarmos com a doença e com quem a vivencia”

variedade de poses eloquentes. Braços cruzados sobre o peito em uma, de perfil com cabeça baixa, quase como uma oração, em outra. Em várias fotos, sem forças para ficar de pé, ela está sentada na borda da banheira, só com a cabeça visível. Após divulgar suas fotografias e receber prêmios, Mansfield conta que lhe pareceu estranho receber mensagens como: “Você é tão corajosa!” E argumenta: “Eu não era valente nem era uma vítima. Eu era teimosa. E queria realmente me curar”. Mônica acrescenta que muitas das artistas estudadas rejeitam os termos “vítima” ou “heroína”, frequentemente associados a mulheres em tratamento do câncer, e assumem a doença publicamente. Além disso, a maior parte delas participa ativamente da causa, como em debates em museus e universidades a partir de suas fotografias e depoimentos.

Nas considerações finais, Mônica explica que os autorretratos são uma forma de ativismo: “Essas fotografias buscam deslocar o câncer do campo da moralidade para o da política. As artistas politizam a própria arte, ao apropriarem-se de seus corpos disformes e doentes para tensionar padrões sociais e estigmas. Assim, permitem ampliar o conceito social do câncer, quebrar tabus e abrir novas possibilidades de lidarmos com a doença e com quem a vivencia. Ao mesmo tempo, aumentam nosso repertório, possibilitando que profissionais de saúde e a sociedade em geral conheçam o que elas sentem”.